



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**Respeite o meu Lide:
um radiodocumentário sobre ameaças à liberdade de imprensa**

Fernanda Vieira Bastos

Brasília
2º/2021



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**Respeite o meu Lide:
um radiodocumentário sobre ameaças à liberdade de imprensa**

Fernanda Vieira Bastos

Memória do projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob orientação do professor Carlos Henrique Novis

Brasília
2021

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____

Prof. Ms. Carlos Henrique Novis (Presidente)

Prof. Dr. Elton Bruno Barbosa Pinheiro (Membro Titular)

Prof.^a Dra. Nathália Coelho (Membro Titular)

Prof.^a Dr.^a Márcia Marques (Membro Suplente)

Brasília
2021

Para Maria Imaculada e Geraldino, com amor e admiração

AGRADECIMENTOS

Esta é a parte mais fácil de ser escrita em um TCC. Apesar de ter sido feito por apenas duas mãos, outras tantas foram essenciais para acalmar em tempos de caos, segurar quando necessário, dar um empurrãozinho de vez em quando. Sem os donos destes pares de mãos, este trabalho não estaria pronto.

Agradeço primeiro aos meus pais por nunca largarem as minhas mãos e sempre estarem ao meu lado, me guiando, incentivando em todos os momentos da minha vida. Dedico este trabalho a vocês. Obrigada, Maria Imaculada e Geraldino. Os dois são minha maior inspiração e meu abrigo mais seguro.

Esta pesquisa também teve a interferência de uma irmã incrível que mora em Porto Alegre, mas sempre se faz presente, me ouvindo e acalentando por chamadas de vídeo. Obrigada, Isabela. Sua alma é da mais pura intensidade e euforia.

Para traçar essa trajetória de finalização do meu segundo curso superior, contei com uma bateria portátil, que estava 24 horas disponível pra mim com mil sorrisos e brincadeiras. Ao meu namorado, Heitor, obrigada por recarregar minha energia em seus abraços. Meu presente e meu futuro.

Minhas queridas amigas, Amanda, Karoline, Letícia Lucena, Letícia Corrêa, Cláudia, por me ouvirem em todos os momentos difíceis e sorrirem comigo nas horas felizes. Sophia e Bárbara, que são meus maiores presentes do intercâmbio para a Polônia, obrigada pela amizade profunda, repleta de histórias lindas.

Iure, obrigada por todos os conselhos sábios e pela nossa conexão de pensamentos e ideias. Rafael, obrigada por todas as noites de lamen e conversas maravilhosas. Os dois deixaram tudo mais leve, obrigada.

Ao meu querido orientador, Carlos Henrique Novis, muito obrigada! Ter pego um trabalho já iniciado e ter contribuído com colocações e ideias brilhantes foi essencial para o encerramento deste ciclo. Minha eterna gratidão.

Aos funcionários, servidores e professores da Universidade de Brasília, meu muito obrigada. Aos colegas e amigos que fiz durante os anos de universidade, obrigada. Aos amigos de projetos de extensão, mobilidade acadêmica e intercâmbio, meu muito obrigada. Todos foram essenciais para a formação da Fernanda de hoje. Vida longa ao ensino público. Vida longa à Universidade de Brasília.

RESUMO

O presente memorial descreve o ciclo completo da elaboração, produção e edição do radiodocumentário “Respeite o meu Lide” sobre ataques à liberdade de imprensa. É um projeto experimental do tipo Produto de Comunicação para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O radiodocumentário é voltado ao entendimento da importância da imprensa, análise do contexto político atual e dos diversos ataques contra jornalistas. Como procedimento metodológico, documentários em formato de vídeo e em formato de áudio foram analisados, o que levou a escolha pelas entrevistas e criação de um cenário em áudio para o projeto final. O memorial tem como objetivo analisar quais as condições para a produção de uma pauta política sobre a liberdade de imprensa no Brasil de 2021.

Palavras-chave: liberdade de imprensa, jornalismo, ataques à imprensa, política, radiodocumentário.

Produto disponível em: <

<https://drive.google.com/file/d/1J0NK-4cSDw7D7JS4vR788bqgIyjs11j9/view?usp=sharing> >

ABSTRACT

This memorial describes the complete cycle of elaboration, production and editing of the radio documentary “Respeite o meu Lide” about attacks on freedom of the press. It is an experimental project of the Communication Product type for the Completion of Course Work in Journalism at the Faculty of Communication of the University of Brasilia. The radio documentary is aimed at understanding the importance of the press, analyzing the current political context and the various attacks against journalists. As a methodological procedure, documentaries in video format and in audio format were analyzed, which led to the choice of interviews and creation of an audio scenario for the final project. political agenda on press freedom in Brazil 2021.

Keywords: freedom of the press, journalism, attacks on the press, politics, radio documentary.

Radio documentary available: <

<https://drive.google.com/file/d/1J0NK-4cSDw7D7JS4vR788bqgIyjs11j9/view?usp=sharing> >

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. PROBLEMA DA PESQUISA	11
1.1 OBJETIVO GERAL	11
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2. JUSTIFICATIVA	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 LIBERDADE DE IMPRENSA.....	13
3.2 ATAQUES À IMPRENSA E AOS PROFISSIONAIS	15
3.2 RADIODOCUMENTÁRIO	22
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	25
4.2 PRÉ-PRODUÇÃO	25
4.3 PRODUÇÃO	26
4.4 PÓS-PRODUÇÃO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

A liberdade de imprensa sempre foi atacada. Em alguns períodos da história do Brasil, foram ataques tenebrosos e que não devem nunca ser esquecidos, como a época da ditadura militar. E essa violência contra profissionais da imprensa não pode cair na normalização ou na banalização, no entanto, é o que vem acontecendo. Nos últimos anos, jornalistas brasileiros têm enfrentado uma série de ameaças por causa da sua atuação e do desempenho de um dos seus principais papéis: a fiscalização dos poderes.

Segundo a diretora-geral da Unesco¹, Audrey Azoulay (2019), “a liberdade de imprensa é o pilar das sociedades democráticas. Todos os Estados e todas as nações são fortalecidas pela informação, pelo debate e pela troca de opiniões”². A democracia e a liberdade de imprensa andam juntas e as duas coexistem de forma dependente. No Brasil, esta última é assegurada pela Constituição Federal de 1988. “Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição” (BRASIL, 1988).

No entanto, a liberdade de imprensa sofre tentativas de cerceamento que assumem diversos formatos. Por meio de intimidações nas plataformas e redes sociais, nos perfis e contas de jornalistas ou de agressões físicas aos profissionais que estão exercendo o seu trabalho, muitas vezes ao vivo, ou de processos e pressão jurídica. Além disso, sites e contas falsas criadas para gerar desinformação são outra forma de ameaçar a credibilidade da imprensa. Crise esta que é antiga e que aumentou por conta de problemas como a falta de representatividade e diversidade (tanto de pautas como de profissionais e direção) na mídia hegemônica e também por conta dos avanços tecnológicos, que trouxeram muitos benefícios, mas que, por outro lado, trouxe mais força para a intolerância.

Apesar da crise e dos inúmeros problemas da “grande” mídia, o direito à informação do cidadão é uma necessidade para a garantia da democracia. Onde ele pode buscar conhecimento, notícias sobre a sua cidade e sobre o seu país? Sem a imprensa, veículos hegemônicos e independentes, seria difícil acompanhar o que está acontecendo, ainda mais em tempos de pandemia da Covid-19 e de isolamento social.

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

² **Mensagem de Audrey Azoulay, Diretora-Geral da UNESCO, no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, 3 de maio de 2019.** Unesco. Bangkok, Tailândia. 3.mai.2019.

<<https://bangkok.unesco.org/content/message-ms-audrey-azoulay-director-general-unesco-world-press-freedom-day-3-may-2019>>. Acesso em: 16.mar.2022

A liberdade de imprensa constitui a garantia da veiculação de notícias e informações checadas por veículos de imprensa, sejam eles integrantes da mídia hegemônica ou da independente. Segundo Jabur (2000), “a imprensa mantém e sustenta a democracia”, desempenhando assim sua principal função social. No entanto, além de já ter passado por diversas ameaças e cerceamentos ao longo da história, essa liberdade continua sendo ameaçada, e muitas vezes, a missão de levar informação é interrompida. Segundo Leyser (2020):

A imprensa precisa ser livre, porque sem liberdade ela não cumprirá sua missão. [...] O Estado de Direito exige uma imprensa livre, forte, independente e imparcial, afastando-se qualquer censura prévia do Poder Público. (LEYSER, 2020, p. 8).

Este é um produto metalinguístico. Uma reportagem que traz as vozes de quem faz reportagens e de quem protege esse direito para o centro. E a liberdade de imprensa se constrói como o tema principal deste trabalho. As diversas ameaças aos jornalistas, os profissionais e as organizações que lutam para o não cerceamento da liberdade de imprensa e a importância desse conceito para a democracia são alguns dos tópicos que perpassam o assunto principal e estão presentes na pesquisa.

Dessa forma, o projeto busca analisar quais são os principais efeitos na democracia dos ataques que a imprensa sofre constantemente no Brasil e o objeto de pesquisa é entender a importância da liberdade de imprensa e do exercício do jornalismo. Como os profissionais da área são atacados de forma recorrente e quais são as ações que estão sendo realizadas em resposta aos ataques são outros dois pontos que a pesquisa e o produto buscam compreender.

A pesquisa também observa o posicionamento dos veículos de comunicação e órgãos de defesa da liberdade de imprensa. O trabalho aborda como plano de fundo outras questões como a realização de um debate de ideias sobre a importância da liberdade de imprensa para uma sociedade democrática. É preciso ressaltar que a ameaça à liberdade de imprensa vai muito além das retaliações aos jornalistas, no entanto, a presente pesquisa desenvolve uma análise sobre ameaças que os jornalistas sofreram diretamente do governo e dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. A conexão entre os ataques que a imprensa sofre constantemente no Brasil e suas possíveis consequências na democracia e nos direitos humanos é outro ponto abordado.

O formato do produto escolhido é um radiodocumentário. Elaborado para ser um retrato do cotidiano de muitos jornalistas, as falas de entrevistados e pesquisadores são perpassadas muitas vezes por ameaças do presidente Jair Bolsonaro. Os temas abordados por meio de entrevistas com pesquisadores e professores serão: a importância da imprensa para a democracia, contextualização do cenário político no qual a pesquisa está inserida, análise dos ataques à imprensa realizados no Brasil, o negacionismo e a desinformação crescentes.

Além disso, depoimentos de jornalistas que foram vítimas desse tipo de cerceamento vão mostrar mais detalhadamente os diferentes tipos de ameaças à liberdade de imprensa no Brasil. Para fechar a análise, a última parte do radiodocumentário vem para mostrar como a sociedade e os jornalistas devem combater essas retaliações. O melhor caminho e reflexões sobre as possibilidades para o fim destes ataques injustificáveis.

1. PROBLEMA DA PESQUISA

Como um radiodocumentário pode contribuir para a reflexão sobre os efeitos na democracia dos ataques à liberdade de imprensa ocorridos durante o governo Bolsonaro?

1.1 Objetivo Geral

Experimentar e diagnosticar quais são as condições para a produção de uma pauta política em formato de radiodocumentário sobre ameaças à liberdade de imprensa.

1.2 Objetivos Específicos

- Produzir um radiodocumentário sobre ataques à liberdade de imprensa e aos profissionais de jornalismo durante o governo Bolsonaro;
- Registrar depoimentos de pesquisadores da área de liberdade de imprensa, ouvir jornalistas que sofreram algum tipo de ameaça durante o exercício da profissão e fornecer caminhos para profissionais agredidos ou ameaçados;
- Promover conhecimento e reflexões em torno da importância da imprensa e da liberdade da mesma para a construção e manutenção de uma sociedade democrática;
- Ter maior conhecimento sobre as alternativas para denunciar agressões aos jornalistas e à imprensa.

2. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deu-se por causa de um interesse desenvolvido durante a primeira graduação na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília. Ao finalizar o curso de Comunicação Organizacional, busquei pesquisar sobre o tema do jornalismo independente e usei como objeto de pesquisa a Mídia Ninja. Entender o funcionamento de um veículo que não é hegemônico foi fascinante e despertou o interesse para o entendimento do cenário do jornalismo no Brasil e a importância da liberdade de imprensa para a consolidação da democracia.

Desde que ingressei na segunda graduação, a que concluo agora, de Jornalismo, defini que meu Trabalho De Conclusão de Curso seria um produto focado na questão da liberdade de imprensa. Comecei a cursar Jornalismo no segundo semestre de 2018. Acompanhei as eleições e a vitória do presidente Jair Bolsonaro. O primeiro semestre de 2019 e os outros seguintes ficaram marcados por diversas ameaças aos jornalistas que cobriam o Palácio do Planalto. Diversas. Os “cala a boca”, “volta para a faculdade”, “não sabe perguntar”, “dar o furo”, “quadrúpede”, entre muitos outros xingamentos ecoaram no cercado e nos salões do Palácio. E não serão esquecidos pelos jornalistas aos quais foram direcionados. E nem por esta que vos fala.

Além do interesse pessoal, a importância social do trabalho se faz presente. Entender que a liberdade de imprensa é um dos pilares da democracia é essencial para a proteção do Estado Democrático de Direito. Compreender que o jornalista apura, confere, checa, pergunta novamente e tenta traduzir da melhor forma conteúdos e notícias apuradas é um dos cerne para a defesa dos direitos humanos e para a fiscalização dos poderes.

Este trabalho busca chocar, mas ao mesmo tempo mostrar como é o cotidiano de muitos jornalistas brasileiros com um presidente que apoia e pratica a violência contra profissionais da imprensa. E que se configura como o maior autor de ataques contra jornalistas, de acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Esta conduta influencia não só o comportamento de apoiadores do presidente, que acabam praticando repressões aos profissionais da mídia, como também abre portas para a descredibilização do trabalho da imprensa, que como já foi dito anteriormente, é um dos pilares da democracia.

O radiodocumentário Respeite o meu Lide pede com delicadeza, atravessada por um tom de firmeza, o básico para o exercício de qualquer profissão: o respeito.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

As vertentes teóricas nas quais o projeto se enquadra estão envoltas em três principais temas: liberdade de imprensa, ataques aos jornalistas e radiodocumentário. Os dois primeiros são a base para a construção de todo o conteúdo do produto e trazem dados e informações necessárias para a construção do Respeite o meu Lide. Já a pesquisa bibliográfica do último ponto tem como principal objetivo o embasamento para a metodologia e para as características do projeto.

4.1 Liberdade de imprensa

A liberdade de imprensa se configura como ponto central da presente pesquisa. Seu conceito, apesar de ser detalhado em declarações e constituições ao redor do mundo, muitas vezes é desrespeitado. Sua definição, como sendo “[...] o direito da livre manifestação do pensamento pela imprensa” (HUNGRIA, 1953, p. 273), não é exercida ou é cerceada em muitos países ao redor do mundo.

Inclusive, de muitos que seguem a Declaração dos Direitos Humanos. Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, em Paris, na França, o texto é uma norma comum a ser alcançada por todos os povos e nações, já que pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos foi pauta na Organização das Nações Unidas.

No artigo XIX do documento, a liberdade de expressão é defendida. “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS).

O Brasil, um dos signatários da DUDH, tem em sua constituição cidadã, lei federal e suprema, de 1988, o parâmetro para diversas normas, inclusive sobre a liberdade de imprensa.

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; [...]

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. [...]

XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional. [...]

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º - Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º - É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. (BRASIL. Constituição Federal, 1988).

No entanto, de acordo com o *Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa* da Repórteres sem Fronteiras, o Brasil entrou, em 2021, na zona vermelha da situação da liberdade de imprensa. Ou seja, o jornalismo no país se encontra em uma situação difícil ou grave. E não é só do Brasil. Em 73 dos 180 países, o contexto da atuação jornalística está gravemente comprometido. No ranking, o Brasil perdeu quatro posições, se comparado a 2020 e ocupa a 111ª posição.

O jornalismo, que além de ser atacado cotidianamente, por autoridades e pela população civil, como será elucidado nos próximos capítulos, enfrenta também diferentes crises atualmente. Falta de representatividade, dúvida sobre a credibilidade, pouca diversidade e uma crise estrutural alastram a imprensa e os grandes veículos de comunicação e acabam prejudicando também a liberdade de imprensa. Como destacou Ramonet, “os cidadãos desconfiam de uma imprensa que pertence a um punhado de oligarcas, que já controlam amplamente o poder econômico e que, frequentemente, são coniventes com os poderes políticos.” (RAMONET, 2012, p.45).

No Brasil, de acordo com o *Media Ownership Monitor Brasil*³, também coordenado pela organização Repórteres sem Fronteiras, o alerta é vermelho. Os 50 veículos analisados, tanto rádio, como TV, mídia impressa e online, pertencem a 26 grupos ou empresas de comunicação. Sendo que destes, cinco grupos concentram mais da metade dos canais analisados. É perceptível, por meio dos dados, que a mídia independente e plural está ameaçada. “Nosso sistema de mídia mostra alta concentração de audiência e de propriedade, alta concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas” (REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, 2021).

³ Disponível em: <<https://brazil.mom-rsf.org/br/>>

No entanto, o radiodocumentário *Respeite o meu Lide* não foca no cerceamento à liberdade de imprensa que ocorre dentro da própria imprensa, ou seja, “[...] todos os meios de divulgação de informação ao público, principalmente quando através dos modernos e poderosos veículos de difusão [...], cujo alcance sobre a grande massa é ilimitado” (CALDAS, 1997, p. 64), mas sim, no cerceamento que vem principalmente do Poder Executivo.

Para prezar pela liberdade de imprensa, Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), definiram elementos do jornalismo que podem fortalecer o direito de livre manifestação de expressão pela imprensa. Seguem abaixo:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade;
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos;
3. Sua essência é a disciplina da verificação;
4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem;
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder;
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público;
7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante;
8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional;
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.

(KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22-23)

4.2. Ataques aos jornalistas

Nos três primeiros anos do governo do presidente Jair Bolsonaro (2019, 2020 e 2021), foram ao todo 1.066 ataques contra jornalistas brasileiros, segundo os últimos relatórios *Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil* da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). O levantamento de 2019 teve como primeira frase da sua apresentação a conclusão de que “a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República afetou significativamente a liberdade de imprensa no Brasil” (FENAJ, 2019, p.4).

Em 2019, foram 208 casos de ataques aos veículos de comunicação e aos jornalistas, um aumento de 54,07% em relação a 2018, que contou com 135 ocorrências. O primeiro ano da gestão de Bolsonaro configurou o próprio presidente como o principal autor de agressões

contra a liberdade de imprensa. Foram 121 casos que partiram de Bolsonaro, ou seja, 58,17% do total.

A postura do presidente da República – ou melhor, a falta dela – mostra que, de fato, a liberdade de imprensa está ameaçada no Brasil. O chefe de governo promove, por meio de suas declarações, sistemática descredibilização da imprensa e dos jornalistas. Com isso, institucionaliza a violência contra a imprensa e seus profissionais como prática de governo. (FENAJ, 2019, p.4).

Descredibilização da imprensa (54,81%), ameaças e intimidações (13,46%) e agressões verbais (9,62%) foram os principais tipos de ataques aos jornalistas em 2019. Dois casos de racismo também foram registrados. O Sudeste foi a região com mais casos registrados de violência contra profissionais da mídia e, em 2019, o Centro-Oeste subiu para o segundo lugar, que nunca havia sido ocupado por esta região desde o início da série histórica.

Número de ataques aos jornalistas por região

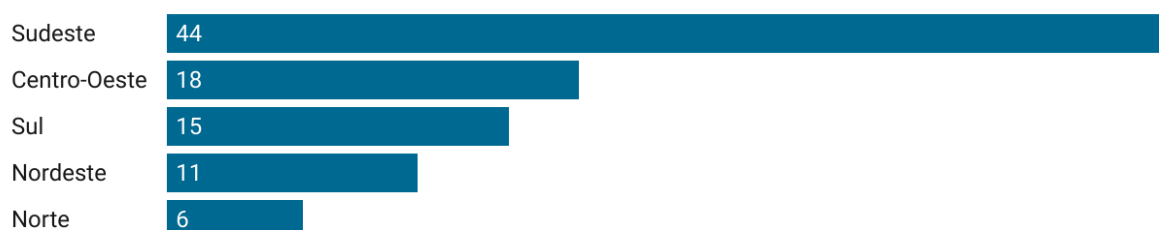


Gráfico: Fernanda Bastos • Fonte: Fenaj • Criado com Datawrapper

Neste mesmo ano, os jornalistas Robson Giorno e Romário da Silva Barros, ambos com atuação em Maricá (RJ), foram assassinados em razão do exercício profissional. Os dois foram mortos a tiros, o primeiro, na porta de sua casa, e o segundo, na orla da praia, dentro de seu carro.

Em 2020, o primeiro ano da pandemia de Covid-19, contou com a atuação de jornalistas na linha de frente, precarização do exercício profissional, mortes de profissionais pela doença e ataques violentos pelo cumprimento do seu papel social. Foram 428 casos de agressões contra jornalistas em 2020. O presidente Jair Bolsonaro continuou ocupando a posição de maior agressor, com 175 episódios, e a violência contra jornalistas aumentou em mais de 100%, de acordo com o relatório da Fenaj.

Em 2020, a situação agravou-se. Houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral. Foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. A descrédibilização da imprensa, como no ano anterior, foi a violência mais frequente: 152 casos, o que representa 35,51% do total. (FENAJ, 2020, p. 4).

Outro destaque de 2020 foi a censura que a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa pública de comunicação do país, sofreu. Foram 76 casos de censura contra a instituição e, no total, houve uma elevação de 750% de casos de censura se comparados ao ano de 2019. Agressões e ataques verbais também apresentaram aumento e cresceram 280% em 2020. Inclusive, novas categorias de agressões foram incluídas no relatório, como ataques cibernéticos (6), atentado (1) e sequestro/cárcere privado (2).

Esse crescimento evidencia a institucionalização do desrespeito ao princípio constitucional da liberdade de imprensa, por meio da Presidência da República, e a disseminação de uma cultura da violência para a relação cidadãos/veículos de comunicação/jornalistas. E, mais uma vez, a FENAJ pede à sociedade brasileira que diga não à violência, que valorize o Jornalismo e os jornalistas e que não abra mão das liberdades individuais e coletivas, das quais o Jornalismo e os jornalistas são verdadeiros guardiões. (FENAJ, 2020, p.4).

Em 2020, o Centro-Oeste passou a ocupar a posição de região mais violenta contra jornalistas, com 134 casos, representando 48,55% do total. Depois o Sudeste, com 78 casos, e 28,26% do total e o Sul com 30 casos e 10,87%. Outros dois jornalistas perderam suas vidas em 2020: Léo Veras, na cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, divisa com Ponta Porã, onde o jornalista atuava no site Porã News, e Edney Antunes, assassinado em 15 de novembro, na cidade de Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso, onde trabalhava como assessor. Os dois foram assassinados a tiros, o primeiro, dentro de sua casa onde jantava com a família, e o segundo dentro de seu carro.

Já o relatório de 2021 traz em sua abertura o resumo da violência contra jornalistas no ano em uma palavra: continuidade. O padrão dos últimos anos foi repetido mais uma vez e profissionais da imprensa continuaram sendo atacados no Brasil cotidianamente. O número de casos chegou a 430 em 2021. O presidente, como nos outros dois anos de governo, continuou como sendo o principal agressor da imprensa. “Sozinho ele foi responsável por 147

casos (34,19% do total), sendo 129 episódios de descrédibilização da imprensa (98,47% da categoria) e 18 de agressões verbais a jornalistas”, aponta o relatório *Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - 2021*.

Houve continuidade nos ataques do presidente da República e também no seu discurso. Para atacar a mídia, ele repetiu os argumentos e até mesmo as expressões utilizadas nos dois anos anteriores. Como argumento, repetiu que a imprensa o persegue, porque ele cortou verbas publicitárias. Na forma, repetiu expressões como “a mídia mente o tempo todo”, “a mídia é uma fábrica de fakenews” e “imprensa de merda”. Para agredir os jornalistas, ele utilizou adjetivos como “canalha”, “quadrúpede”, “picaretas” e “idiota”, além de mandar um profissional calar a boca, assim como zera em pelo menos um episódio registrado em 2020. (FENAJ, 2021, p.4).

Em 2021, foram registrados mais casos de censura contra a imprensa, 140 ocorrências, e a maioria contra a Empresa Brasil de Comunicação (EBC). A censura se tornou o principal tipo de ameaça contra os jornalistas, sendo 32,56% do total, seguida pela descrédibilização da imprensa, que representa 30,46% do total. Outro ponto de destaque é que pelo segundo ano consecutivo, o Centro-Oeste é a região com o maior número de ataques contra jornalistas, 159 casos, cerca de 56,90% do total, seguido pelo Sudeste (69 casos e 23,23% do total) e Nordeste (25 casos, 8,42%).

O jornalista Eranildo Ribeiro da Cruz foi morto em Almeirim (PA), no dia 6 de setembro de 2021. “O profissional de 54 anos foi encontrado em sua casa, amarrado, nu, com sinais de tortura e um ferimento na cabeça. Ele estava apurando possíveis fraudes na eleição municipal e também denunciou a morte de um bebê por suposta negligência da Prefeitura Municipal”, aponta o relatório da Fenaj de 2021. O radialista Weverton Rabelo Fróes foi assassinado em 4 de abril, na cidade baiana de Planaltino.

A violência de gênero é somada às ameaças contra mulheres jornalistas. Segundo levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em 2021, foram 119 casos desse tipo de violência no Brasil e 52% dos casos com agressores identificados foram provocados por autoridades do Estado. Cerca de oito destes ataques tiveram como agressor o presidente Jair Bolsonaro.

Na ordem, depois do chefe do Executivo, outros autores com maior número de ataques à mulheres jornalistas e que fazem parte do atual governo foram: o deputado federal Carlos Jordy, o filho do presidente e vereador, Carlos Bolsonaro, o assessor presidencial

Tercio Arnaud Tomaz, o outro filho do presidente e deputado federal, Eduardo Bolsonaro, e comentarista político bolsonarista Rodrigo Constantino.

Os dados da pesquisa mostram que 69% dos episódios de violência com mais de um agressor foram iniciados por autoridades do governo e funcionários vinculados aos poderes do Estado. Em 52% dos casos com múltiplos agressores, constatou-se uma tendência de vinculação entre essas autoridades e redes de trolls na internet. Nesses casos, autoridades públicas iniciaram os ataques e redes organizadas ou semi-organizadas de usuários os amplificaram, reproduzindo os mesmos conteúdos ou muitas vezes os mesmos termos, gerando um efeito de empilhamento de mensagens abusivas. Isso evidencia a instrumentalização das plataformas de comunicação digital e redes sociais para promover ataques massivos e minar a credibilidade do jornalismo profissional. Algumas jornalistas, como Daniela Lima, Juliana Dal Piva, Mônica Bergamo, Patricia Campos Mello, Amanda Klein e Vera Magalhães sofreram vários ataques em diferentes momentos do ano. (ABRAJI, 2021, p.5)

Os dados são do levantamento *Violência de Gênero contra jornalistas*, organizado pela Abraji e patrocinado pela Unesco, e foram coletados pela associação por meio de formulários online, alertas do Google e denúncias de outras organizações. Cerca de 89 jornalistas foram vítimas, em 2021, e 60% dos ataques foram contra setoristas de política. O teor das ameaças envolvem orientação sexual, aparência, estereótipos sexistas e questões de identidade de gênero.

Com características sexistas, homofóbicas, transfóbicas ou misóginas os ataques, além de atingirem as mulheres (cis ou trans), podem vitimar também pessoas não-binárias. No levantamento de 2021 foram registrados oito ataques homofóbicos e um transfóbico, além de dois casos de violência física contra mulheres jornalistas.

O apelo ao gênero e à sexualidade não é incidental: em sociedades com presença de valores conservadores, esse tipo de ataque é uma forma de minar a credibilidade do jornalismo profissional e de desviar a atenção do conteúdo da notícia. No lugar de discutir os fatos noticiados, discutem-se a legitimidade e a autoridade da jornalista para apurá-los e divulgá-los. Não é coincidência que os termos mais utilizados nos insultos às profissionais façam referência a aspectos de gênero – “vagabunda”, “puta”, “fofoqueira” – e a supostos vieses ideológicos das jornalistas – “militante”, “esquerdistas” e “comunistas”, entre outros. (ABRAJI, 2021, p.4)

As principais formas de ataque são descrédibilização e desrespeito (79%), discursos hostis (57,4%) e uso de desinformação (4,3%) e a maioria dos episódios foram feitos de forma online pelas redes sociais (68%). O monitoramento foi feito em parceria com a rede Voces del Sur, e tem o apoio do Instituto Patrícia Galvão, Mulheres Jornalistas, Fenaj, Gênero e Número, CPJ e Repórteres sem Fronteiras.

Longe de ser produto espontâneo das dinâmicas das redes sociais e de seus usuários, a violência tem nos atores estatais seus principais perpetradores ou instigadores. A própria democracia fica comprometida em um ambiente em que os sistemas de verificação dos fatos são constantemente colocados em xeque e suas profissionais, atacadas e assediadas. A destruição da credibilidade atinge tanto a jornalista quanto o veículo de imprensa a que está vinculada, o que exige respostas enérgicas das organizações jornalísticas, da Justiça e do Legislativo. (ABRAJI, 2021, p. 6).

A pesquisa apontou que mulheres jornalistas brancas representam 83% das vítimas aos ataques, em 2021, enquanto mulheres pretas são 9%, cerca de 7% não determinaram sua raça e 1% dos casos não tem categorização por se tratar de um veículo de comunicação. O índice de violência contra jornalistas mulheres negras (pretas e pardas) não condiz com o número de violência doméstica contra essas mulheres, que são as mais atingidas. O motivo é a pouca representação no jornalismo. “A sub-representação de vítimas pretas e pardas pode ser resultado das próprias desigualdades raciais no campo jornalístico, pois a coleta de dados favoreceu o registro de casos em que as vítimas geralmente são profissionais com grande visibilidade e, frequentemente, no topo da carreira”, destaca a pesquisa.

No entanto, é preciso ressaltar que as poucas mulheres negras que alcançaram cargos de grande visibilidade na carreira jornalística além de sofrerem com ataques misóginos, também sofrem com outros tipos de teor racista. Um episódio de injúria racial ocorreu com a atual apresentadora do programa *Fantástico*, da Globo, Maria Júlia Coutinho, que, em 2020, foi alvo de ataques racistas em suas redes sociais.

Além da questão de gênero e de raça, organizações e especialistas entrevistados pelo radiodocumentário levantaram a questão dos ataques no interior do país. Jornalistas que não fazem parte de grandes veículos, que são independentes, e moram em cidades, onde, muitas vezes são a única fonte de informação da população são atacados e invisibilizados. O ataque transfóbico, citado anteriormente pelo levantamento da Abraji de 2021, foi no interior da Bahia.

Em novembro, uma profissional do interior da Bahia sofreu um ataque transfóbico de um funcionário da prefeitura de sua cidade. Por suas coberturas e comentários políticos, a jornalista foi ameaçada, perseguida, insultada e teve sua identidade de gênero questionada. Além de colocar em risco sua integridade física, as agressões feriram a reputação e a moral da comunicadora. (ABRAJI, 2021, p.22).

Segundo o relatório da Abraji, em 2021, o Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste foram as regiões que concentraram o maior número de ataques. Já os estados que mais registraram ameaças foram São Paulo (56,9%) e Rio de Janeiro (12,8%). “O fato de o Sudeste concentrar alguns dos maiores veículos de comunicação do país, como os grupos Globo e Folha de S.Paulo, pode explicar a concentração de ataques na região. Ambos figuraram entre as organizações cujas profissionais sofreram mais ataques”, aponta o relatório *Violência de Gênero contra jornalistas* de 2021.

Para combater esses ataques é preciso atenção dos veículos de comunicação, das organizações na luta pela liberdade de imprensa, dos parlamentares e da sociedade civil. Além disso, a impunidade deve ser combatida. Os ataques contra jornalistas não devem ser banalizados e vistos como algo normal. Uma ameaça contra o um profissional da imprensa é uma ameaça contra uma comunidade, contra uma população, contra os direitos humanos, contra um olhar fiscalizador dos poderes e contra a democracia. “O Jornalismo é um dos pilares das sociedades democráticas e não há Jornalismo sem jornalistas. Portanto, é responsabilidade de todos combater ações de quem quer que seja, inclusive do presidente da República, para a disseminação de uma cultura da violência contra jornalista”, destaca o relatório da Fenaj de 2021. (FENAJ, 2021, p.5)

Recomenda-se principalmente que:

- As organizações jornalísticas protejam seus e suas profissionais, criando canais seguros de denúncia e proporcionando assistência jurídica, como parte de uma construção de cultura organizacional de combate a essas violências;
- As organizações jornalísticas ofereçam treinamento em segurança digital, invistam em formação de equipes e adotem ferramentas tecnológicas de monitoramento e proteção;
- As plataformas digitais façam investimentos na moderação de conteúdos, sobretudo, em funcionários com treinamento em igualdade de gênero e direitos humanos;

- As plataformas digitais definam políticas e procedimentos mais eficazes para detectar e penalizar os infratores reincidentes e impedir que os mesmos agressores assumam novas identidades online após serem suspensos;
- Parlamentares estejam atentos a esta problemática e discutam com a sociedade civil proposições legislativas e formas de diminuir a violência nas plataformas digitais;
- Agentes estatais atualizem e aperfeiçoem políticas de proteção para jornalistas e comunicadoras(es) a partir da perspectiva interseccional e das especificidades da violência de gênero. (ABRAJI, 2021, p.7).

4.3. Radiodocumentário

O gênero rádio documental, no formato radiodocumentário, se origina do rádio, canal com predominância da oralidade e que democratizou a comunicação no Brasil. Segundo André Barbosa Filho (2003, p.49), o rádio “[...] atua como agente de informação e formação do coletivo. [...]” e “desde sua gênese, o rádio vem se firmando como um espaço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização” (FILHO, 2003, p.49).

Com características como a simultaneidade e a instantaneidade (PRADO, 1989), o rádio ganhou destaque no Brasil e trouxe “estudos sociológicos à base de pesquisas, que podem ser levados ao público através do jornalismo” (PRADO, 1989, p.99).

No entanto, no Brasil, o gênero radiodocumentário não tem muito espaço e é pouco conhecido pelo público. Os canais de rádio brasileiros usam em seus jornais e boletins informativos recursos como entrevistas e notícias factuais. O radiodocumentário pede uma pesquisa aprofundada sobre a temática escolhida, que neste trabalho são os ataques aos jornalistas no Brasil durante o governo do presidente Jair Bolsonaro. Além disso, o documentário radiofônico pede uma diversidade de fontes, de acordo com Pessoa (2010). “O radiodocumentário exige uma produção mais acurada, com pesquisa aprofundada, levantamento de dados, apuração com fontes diversas” (PESSOA, 2010).

O gênero é definido por alguns autores como um mergulho em um determinado tema que demanda tempo e dedicação na produção do produto. Dados são analisados, pesquisas e livros são lidos, há o resgate de material sonoro da internet e um roteiro é feito para dar um norte para a produção, de acordo com Ferraretto (2001).

Pouco frequente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio. (FERRARETTO, 2001, p.57).

O autor André Barbosa Filho (2003) complementa a definição pela busca do aprofundamento, ao conceituar radiodocumentário, como uma investigação que resulta em uma montagem com diferentes tipos de trechos, sejam entrevistas, sons resgatados.

“[...] investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não artística” e explicita que esse produto é resultado de um trabalho de montagem do áudio capturado, que inclui depoimentos gravados com as fontes e offs produzidos e gravados pelos repórteres, além de trilhas que ambientizam o material. Filho (2003, p. 102)

Nessa mesma linha de raciocínio, a montagem e construção da estrutura do radiodocumentário deve levar em conta a construção de um cenário para que o assunto seja abordado com profundidade. Mcleish destaca que “a principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses” (Mcleish, 2001, p. 192).

Para o jornalista argentino Kaplún, a construção deste cenário pode criar uma ideia mais completa para o ouvinte e trazer para a sua realidade. “Ouvimos o galope e vemos o cavalo, o ruído do trânsito nos põe em meio a uma artéria cheia de movimento, a sirene de um carro dos bombeiros e o crepitar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (KAPLÚN, 1978, p, 175). Então, o uso de narração, comentários de especialistas, depoimentos de envolvidos e efeitos sonoros podem ser unidos aos dados da pesquisa documental, como destaca Filho (2003) para a construção do radiodocumentário.

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no

acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às cabeças – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais ao vivo. (FILHO,2003, p.102)

Quanto a duração de um radiodocumentário, autores destacam que o tempo pode variar entre 20 minutos e uma hora. O teórico da comunicação inglês Paul Chantler destaca que o documentário jornalístico “[...] pode ter uma hora de duração e apresentar e várias sonoras. Uma sonora pode ser acrescentada à história, não para repetir o que o repórter disse, mas para acrescentar uma informação nova [...]” (CHANTLER, 1998, p. 164-165).

Já o jornalista Mário Kaplún, defende que o radiodocumentário “[...] é uma monografia radiofônica sobre um tema dado. Uma breve exposição, sem uma completa apresentação. Pode durar meia hora ou pelo menos quinze a vinte minutos [...]” (KAPLÚN apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 102).

Dependendo da quantidade de material coletada pelo produtor, o radiodocumentário pode ser mais extenso. No entanto, é preciso ressaltar que deve ser dinâmico, já que envolve muitas vozes, dados e conceitos. Além de informar, McLeish (2001, p. 192) resalta que o produto radiofônico pode promover novas reflexões e “[...] estimular novas ideias e interesses”, com aspectos atuais e com conexões entre os diferentes eixos, como destaca a pesquisadora Cármen Lúcia José:

O fundamental é presentificar cada aspecto como parte do tema e a importância de cada aspecto é confirmada pelo verbo no presente do indicativo, que atualiza sempre o assunto pela fluidez temporal permitida pela memória no aqui e agora. [...] Cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. Cada aspecto não é simplesmente apresentado como parte de um relato que deve corresponder ao fato, torná-lo verossímil; cada aspecto deve ser tratado como constituinte da generalidade, ou seja, ser a confirmação ou a negação validada pela construção do discurso. Assim, no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade, mas não precisam aparecer como tal; são apresentados, isto sim, como constatações devidamente sustentada por seus argumentos ou pela força afetiva do relato. (JOSÉ, 2003, p. 3 e 6-7).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento do produto se deu em quatro etapas: revisão bibliográfica, pré-produção, produção e pós-produção. A primeira fase foi focada na pesquisa sobre liberdade de imprensa, ataques aos jornalistas e o formato do radiodocumentário. A pré-produção teve como principal foco o planejamento do trabalho e da pauta, seguida pela produção, que foi a transformação da teoria na prática, com a realização de entrevistas, desenvolvimento do roteiro e gravação de voz. A última etapa, a pós-produção, teve como principal objetivo a edição do material coletado.

4.1. Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica deste trabalho foi iniciada ainda no primeiro semestre de 2021 e se estendeu durante todo o desenvolvimento do produto e do memorial até a conclusão. A pesquisa de artigos, textos e livros sobre os três principais temas que norteiam o trabalho — liberdade de imprensa, ataques aos jornalistas e radiodocumentário — foi feita de forma remota, pela internet, pois o trabalho foi produzido durante a pandemia da Covid-19. Somente ao final do projeto bibliotecas foram reabertas.

Além da base teórica, referências de radiodocumentários foram ouvidas para ampliação das possibilidades de linguagem, linha e sonoplastia do produto. Podcasts produzidos por jornais brasileiros e internacionais, como Folha de São Paulo, Estadão e *New York Times* foram pesquisados e usados como exemplos. No entanto, a série documental Retrato Narrado, produzida pela parceria entre a revista Piauí e o Spotify foi essencial para a construção da linha do radiodocumentário *Respeite o meu Lide*.

4.2. Pré-produção

A segunda etapa, de pré-produção, foi desenvolvida por meio do planejamento para o desenvolvimento de um cronograma, pesquisa de fontes e marcação de entrevistas. Inicialmente, a ideia da conclusão deste trabalho era de seis meses, que foram transformados posteriormente em um ano e meio. Desta forma, o cronograma do trabalho foi adaptado diversas vezes.

As etapas desenvolvidas no cronograma foram: pesquisa bibliográfica, busca por fontes, marcação de entrevistas, planejamento de perguntas para fontes, realização das

entrevistas, desenvolvimento do roteiro, organização dos áudios e vídeos, decupagem de todos os materiais coletados, produção do roteiro, escrita do memorial e edição dos áudios.

Para a organização do cronograma, houve a utilização de agendas e calendários. Desta forma, a pesquisa bibliográfica se estendeu durante todo o desenvolvimento do trabalho, em alguns meses, sendo mais efetiva, em outros, esporádica. A pré-produção do trabalho ficou reservada para o desenvolvimento em 20 dias e a produção ocupou cerca de quatro meses. Já a pré-produção foi durante uma semana.

A busca de fontes, de especialistas, professores e jornalistas foi feita também pela *internet*. Nos sites oficiais das universidades federais, foi feita a busca por pesquisadores de liberdade de imprensa. Nas redes sociais e em conversas com colegas de profissão, foi realizada a procura por jornalistas que foram agredidos ou ameaçados. A busca por organizações não governamentais e projetos voltados para a proteção do jornalismo foi feita nos *sites* das instituições.

O contato com as fontes foi feito por *e-mail*, *WhatsApp*, *LinkedIn*, *Instagram* e assessorias. Um dos princípios do trabalho, que também deve ser um seguido pela imprensa, foi a busca por diversidade de fontes. Tanto diversidade regional — há entrevistados de Macapá a Pelotas —, como também de gênero e raça. A diversidade regional pode ser percebida nos múltiplos sotaques, já que a reportagem é em formato de áudio.

Foram escolhidos sete pesquisadores da área de liberdade de imprensa, cinco representantes de organizações que protegem os jornalistas e a liberdade de imprensa, três jornalistas que sofreram ataques e ameaças e um órgão do governo. No entanto, este último, não foi uma escolha, foi a única pasta da gestão do presidente Jair Bolsonaro que respondeu às diversas tentativas de contato e de resposta. O órgão, que enviou uma resposta sobre o tema, foi o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A Presidência da República foi comunicada, mas não respondeu às tentativas de contato e às questões. A lista completa de fontes pode ser encontrada no anexo “A”, página 34.

Após a escolha dos entrevistados, a organização das entrevistas se deu durante o mês de janeiro de 2021. Marcar os melhores horários e encaixar as agendas para que a maioria das entrevistas fossem feitas no mês de fevereiro de 2021 foi o objetivo desta última etapa da pré-produção. Ao final de janeiro, as semanas dos meses de fevereiro estavam preenchidas com entrevistas nos formatos de vídeo e ligação.

4.3. Produção

A primeira etapa da produção foi a realização das entrevistas que foram divididas em três grupos: pesquisadores, jornalistas e organizações. No primeiro, o objetivo era a coleta de informações teóricas e contextuais sobre liberdade de imprensa, contexto político, função do jornalismo. Para o segundo grupo, as perguntas tiveram como foco ouvir os relatos dos ataques e ameaças cometidos contra os profissionais e as consequências para a atuação de cada um. Já para as organizações, o foco era conseguir dados sobre ataques aos jornalistas e informações de como prosseguir em caso de ataques. A entrevista para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos foi separada e tinha como objetivo questionar sobre o posicionamento do ministério em relação às sucessivas ameaças realizadas pelo governo do presidente Jair Bolsonaro contra profissionais da imprensa.

Em fevereiro de 2021, as entrevistas foram realizadas por meio de plataformas de videoconferência que permitem a gravação do áudio e do vídeo como *Zoom*, *Google Meets* e também por meio de ligações do *WhatsApp*. Nestas últimas, a gravação do áudio foi feita pelo celular. Em dois casos, a entrevista foi feita por meio de envio de perguntas pelo *WhatsApp* e resposta em formato de áudios. Todas as entrevistas foram realizadas de forma 100% remota e *online* e ao todo foram 15 entrevistas.

A gravação da voz só era iniciada após a permissão do entrevistado ou da entrevistada. Um dos problemas enfrentados foi a queda de conexão à internet em algumas entrevistas, tanto pela rede da estudante, como pela das fontes. Houve alguns prejuízos para a gravação de áudio por conta das quedas constantes.

Outro ponto de destaque foi a perda do contato olho no olho por causa das entrevistas realizadas de forma remota. Para tentar diminuir a distância entre a estudante e os entrevistados, as câmeras permaneceram ligadas na maioria das entrevistas. Muitos pesquisadores e professores agradeceram pela solicitação, já que muitas vezes, durante a pandemia da Covid-19, deram aulas solitárias, sem ouvir as vozes e sem ver os rostos de seus alunos.

As entrevistas, que foram divididas em três grupos, como já foi dito anteriormente, pesquisadores, jornalistas e organizações, foram entrevistas de profundidade semi-abertas. Segundo Jorge Duarte em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, este tipo de entrevista “procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. [...]. Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema”.

As entrevistas foram coordenadas por um roteiro pré-definido de perguntas. Ao todo, foram três roteiros, um para cada grupo, e um outro separado para o Ministério da Mulher, da

Família e dos Direitos Humanos. No entanto, outras perguntas eram acrescentadas durante a realização das entrevistas e algumas foram somadas ainda na fase da criação da lista de perguntas. Os roteiros de perguntas podem ser visualizados no anexo “B”, página 35. As entrevistas gravadas eram armazenadas na nuvem, na plataforma Google Drive para posterior edição de áudio.

O roteiro do radiodocumentário foi desenvolvido ao longo do mês de fevereiro de 2022. Para a produção do roteiro, as entrevistas foram revisitadas e decupadas, com a seleção dos melhores trechos, e áudios de agressões do presidente Jair Bolsonaro contra jornalistas foram coletados nas redes sociais. Interromper as falas de pesquisadores, profissionais da imprensa e representantes de organizações da liberdade de imprensa com gritos e dizeres hostis do atual chefe do Executivo brasileiro foi a ideia trabalhada para mostrar o duro cotidiano que jornalistas enfrentam na cobertura política do governo Bolsonaro.

O uso de uma linguagem acessível, para o público, com a mistura de trechos curtos das entrevistas e divulgação de informações e dados na fala da narradora do documentário foram o formato pensado para o roteiro. O uso de trilha sonora e de efeitos sonoros para marcar algumas mudanças de fontes e de entrevistados também foram adicionados ao roteiro do radiodocumentário, que pode ser conferida no anexo “C”, página 37.

A última etapa da produção foi a gravação da narração, conhecida como *off*, para mixar com os trechos de entrevistas. Foi utilizado o gravador de um celular e a voz é a da estudante Fernanda Bastos, a autora do projeto. Para a dublagem da entrevistada dos Estados Unidos, a voz utilizada foi a da advogada Amanda de Castro, amiga da autora do projeto.

4.4. Pós-produção

A última etapa de produção do radiodocumentário foi a edição de todo o material. Com a orientação da ordem das falas, da minutagem dos cortes, da seleção dos trechos e das entradas de efeitos sonoros, a edição do projeto foi feita em uma semana. O programa utilizado foi o Adobe Premiere e o computador foi uma máquina pessoal, já que a área de edição da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília ainda não podia ser acessada, por ter pouca ventilação.

O tempo máximo para a duração do radiodocumentário estabelecido foi de 50 minutos. Alguns pequenos cortes foram feitos durante a edição para dar maior otimização e leveza ao projeto, mesmo se tratando de um tema complicado. A redução foi em algumas falas

muito extensas e em alguns efeitos sonoros longos. O lema foi ser interessante para outras pessoas ouvirem.

Ao finalizar o primeiro corte, o produto foi mostrado para o orientador. Com suas opiniões, foi possível coletar o que o ouvinte poderia achar e houve a realização de um acréscimo, para facilitar o entendimento. Por fim, o produto ficou com 45 minutos de duração, sendo um radiodocumentário aprofundado sobre as ameaças aos jornalistas durante o governo do presidente Jair Bolsonaro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender os efeitos dos ataques à liberdade de imprensa para a democracia, o presente trabalho destacou, por meio de entrevistas, pesquisas e dados, a importância do jornalismo para uma sociedade democrática, o aumento das ameaças aos profissionais da área e a necessidade de combater a impunidade dos agressores. Os pontos foram abordados no radiodocumentário *Respeite o meu Lide*.

Uma das lições aprendidas no decorrer do trabalho, no âmbito da pesquisa e do desempenho da pesquisadora é a necessidade de planejamento. Para concretizar a ideia, desenvolver as etapas e estabelecer prazos para o cumprimento da pesquisa e do produto. A abordagem estratégica se fez ainda mais essencial em tempos de pandemia, de trabalho remoto e isolamento social.

O aumento do uso das redes sociais e o cansaço mental por passar longas horas em frente às telas e as notícias, foram dois pontos presentes durante a produção deste radiodocumentário. Não parar em meio aos mais de 600 mil mortos por Covid-19 no Brasil, ao desemprego crescente, a pobreza gritante de forma ensurdecadora e aos conflitos mundiais que geram imensas ondas de refugiados é desolador. E aprender a lidar com os sentimentos foi um dos ensinamentos deste projeto, apesar de acreditar que ainda não é uma lição totalmente dominada. Possivelmente, nunca será.

O jornalismo é um serviço de fiscalização dos poderes e das garantias dos direitos humanos. Informações bem apuradas, analisadas e checadas podem ser obtidas por meio de reportagens produzidas por profissionais da imprensa que visam dar notícias qualificadas. Sem o jornalismo, não há democracia.

No entanto, nos últimos anos, houve um aumento notável das ameaças aos jornalistas tanto por parte da sociedade, mas principalmente, por parte do governo federal, tendo como imagem central o presidente da República, Jair Bolsonaro, como principal agressor. A

banalização e normalização da violência contra os profissionais da imprensa é praticada pelo presidente por meio de uma série de agressões verbais, que se espalham entre seus seguidores.

Para combater as agressões, é preciso, primeiro, união dos meios de comunicação jornalísticos. Inicialmente, para dar luz às ameaças, depois, para registrar boletins de ocorrência e então acompanhar os casos. Os editores e chefes de redação devem acolher os profissionais ameaçados e prestar apoio aos jornalistas. As associações de jornalistas também devem ser acionadas em casos de agressão, seja ela verbal, física, psicológica.

A união entre os grandes veículos de comunicação pode ser vista durante a pandemia da Covid-19, em 2020, na qual jornalistas do G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL se uniram para coletar dados sobre número de mortes e contaminados pelo vírus nas secretarias de Saúde, e divulgar em conjunto. A parceria entre os canais de comunicação foi inédita e feita após decisões do governo de Jair Bolsonaro de restringir o acesso a dados sobre a pandemia de Covid-19. A união é possível e mais do que essencial.

Para trazer essa urgência, a imersividade foi utilizada como narrativa sonora na produção do radiodocumentário. Trazer a condição emocional, usar silêncios pontuais, e promover uma ambientação foram alguns elementos utilizados para que o produto pudesse ficar ainda mais imersivo.

A mensagem que ganha força e é destacada ao fim do radiodocumentário é a de que é preciso combater essa impunidade. Se, inicialmente, o registro do boletim de ocorrência na delegacia não surtir efeito para a punição do agressor, o veículo de imprensa deve entrar na Justiça para coibir que a ameaça que ele fez uma vez não se repita. Proteção jurídica para jornalistas é essencial já que os profissionais da imprensa passam por um momento no qual a repressão pode vir, não somente por pressão na Justiça, mas de todos os lados.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Violência de gênero contra jornalistas. 2021. Disponível em: <
https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relatorio_Violencia_de_genero_contra_jornalistas_PT.pdf>. Acesso em: 19.mar.2022.

AZOULAY, Audrey. Mensagem de Audrey Azoulay, Diretora-Geral da UNESCO, no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, 3 de maio de 2019. Unesco. Bangkok, Tailândia. 3.mai.2019.

<<https://bangkok.unesco.org/content/message-ms-audrey-azoulay-director-general-unesco-world-press-freedom-day-3-may-2019>>. Acesso em: 16.mar.2022.

BARBOSA FILHO, A. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Disponível em: <[Constituição \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 16.mar. 2022.

CALDAS, Pedro Frederico. Vida privada, liberdade de imprensa e dano moral. São Paulo: Saraiva, 1997.

CLEMENTE, Loise; DE ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. CONTANDO HISTÓRIAS ATRAVÉS DE RADIODOCUMENTÁRIOS. Disponível em: <
https://memoria.apps.uepg.br/conex/9/9/anais/9conex_anais/59.pdf> Acesso em: 20.mar.2022.

CHANTLER, P; HARRIS, S. Radiojornalismo. São Paulo: Summus, 1998.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 16.mar.2022.

DUARTE E BARROS, Jorge e Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação - 2ª ed. São Paulo. Atlas, 2006.

FENAJ. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. 2019. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf>. Acesso em: 20.mar.2022.

FENAJ. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf>. Acesso em: 20.mar.2022.

FENAJ. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. 2021. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>>. Acesso em: 20.mar.2022.

FERRARETTO, L. A.. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre:Sagra Luzatto, 2001.

FERREIRA, Aluizio. Direito à informação, direito à comunicação: direitos fundamentais na constituição brasileira. São Paulo: Celso Bastos Editor, 1997.

FERREIRA, Raphaela Bernardes. Publicar ou não publicar, eis a questão: os limites da liberdade de imprensa. Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21862/1/2018_RaphaellaBernardesFerreira_tcc.pdf>. Acesso em: 16.mar.2022.

HUNGRIA, Néelson. Comentários do código penal. Rio de Janeiro: Forense, 1953. V.6. p.273.

JABUR, Gilberto Haddad. Liberdade de pensamento e direito à vida privada: conflitos entre direitos da personalidade. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

JOSÉ, C. L. História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências. Disponível em: . Acesso em: 10.mar. 2021

KAPLÚN, Mario. Producción de programas de radio. El guión, la realización. Quito: CIESPAL, 1978.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEYSER, Maria Fátima Vaquero Ramalho. Direito à liberdade de imprensa. Oliveira, 1999.

MCLEISH, R.; SILVA, M. Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. 2. ed. São Paulo: Summus, 2001

PAGUNG, Saely et al. Radiodocumentário Rubem Braga: as boas coisas da vida. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/expocom/EX43-0779-1.pdf> >. Acesso em: 20.mar.2022.

PESSOA, Sonia Caldas. Radiodocumentário: gênero em extinção ou locus privilegiado de aprendizado? In: FERRARETO, Luiz Artur e KLÖCKNER, Luciano. E o rádio? Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3504-1.pdf>>. Acesso em 20.mar.2022.

PRADO, Emílio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus, 1989.

ANEXOS

ANEXO A - Lista de fontes entrevistadas

Nome	Profissão
André Marsiglia Santos	Advogado constitucionalista, que atua nas áreas de comunicação e internet. Membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da OAB-SP, e da Comissão de Mídia e Entretenimento do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP), além de consultor jurídico da Repórteres Sem Fronteiras (RSF), da Associação Nacional de Editores (ANER) e membro da 4ª câmara de julgamento do Conselho de Ética do CONAR. Idealizador da L+ Speech/Press e CEO na Lourival J Santos Advogados.
Daniel Oliveira	Professor Doutor de Pós-graduação em Jornalismo Digital do Centro Universitário IESB.
Fernando Paulino	Doutor (2008, com estágio na Universidad de Sevilla) e mestre (2003) em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor em cursos de pós-graduação e graduação na Faculdade de Comunicação da UnB.
Renato Francesquini	Professor da Universidade Federal da Bahia.
Rogério Christofolletti	Professor e pesquisador do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estudos sobre ética jornalística, credibilidade, transparência, privacidade, crítica de mídia e crise no jornalismo.
Cláudia Nonato	Pesquisadora associada do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP, professora do curso de pós-graduação do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc-USP) e editora executiva da revista Educação e Comunicação da USP.

Gabriel Veras	Jornalista amazonense com coberturas focadas no uso de dados e em pautas socioambientais. Repórter da Énois, Portal Amazônia e cofundador da Abaré, escola de Jornalismo.
Laura de Oliveira Machado	Jornalista amapaense, pesquisadora com interesses nas linhas de jornalismo ambiental, literário, narrativas e direito animal. Webrepórter no g1 Amapá (Rede Amazônica) e estagiária na agência de marketing Go Doctors.
Rafaela Rosa	Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e assessora de comunicação no Governo do Rio Grande do Sul.
Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	Pasta do governo federal.
Maria José Braga	Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).
Cid Benjamin	Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).
Ricardo Pedreira	Diretor Executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ).
Natalie Southwick	Coordenadora do Programa América Latina e Caribe do Comitê de Proteção aos Jornalistas (CPJ).
Patrícia Blanco	Presidente do Instituto Palavra Aberta.

ANEXO B - Roteiros das perguntas

Perguntas para pesquisadores:

1. Qual é a definição de jornalismo e imprensa?
2. Por que o jornalismo é importante?
3. O que é a democracia?
4. O que é a liberdade de imprensa?
5. Qual é o significado de liberdade de expressão?
6. O que é direito à informação?
7. E o direito à comunicação?
8. Qual é a relação entre o jornalismo e a democracia?

9. Responder qual é o papel da imprensa na democracia. O que a imprensa simboliza e representa? Qual é a importância dela para a democracia?
10. Em que medida a imprensa é um poder?
11. Como a imprensa pode mudar o ambiente político?
12. Como a imprensa brasileira foi atacada desde a sua criação?
13. Nas diferentes fases do Brasil, quais foram os momentos em que a imprensa foi mais atacada? Por que?
14. Quais são as crises que o jornalismo vem enfrentando até hoje? De credibilidade e tecnológica?
15. Para sobreviver, a imprensa resiste?
16. Qual é o cenário do jornalismo atualmente? Qual a situação da imprensa no Brasil hoje?
17. Quais são os principais gargalos da imprensa? Falta de representatividade? Diversidade?
18. A concentração na mão de poucos dos grandes veículos de comunicação é uma forma de cercear a liberdade de imprensa? Por que?
19. Como você compreende os ataques à imprensa no Brasil?
20. Por que a imprensa brasileira é fortemente atacada?
21. O que é negacionismo? Cite exemplos.
22. O que é desinformação? Cite exemplos.
23. Durante a pandemia, o jornalismo ganhou ainda mais importância ou mais valorização pela população?
24. Qual é a importância do conglomerado de imprensa que atualiza os dados sobre a pandemia no país?
25. Acredita que vivemos na era da desinformação e do negacionismo? Como isso é possível?

Para jornalistas:

1. Como foram os ataques?
2. O que passou na sua cabeça durante o momento? Como se sentiu?
3. Comunicou seus superiores? Houve algum tipo de acolhimento?
4. Quais atitudes tomou após o ataque?
5. Por ser mulher, sente que os ataques tiveram algum tipo de teor machista?
6. Como enxerga o jornalismo no futuro?
7. Se sente motivado(a) para continuar na profissão?
8. Por que continua desempenhando a função de jornalista?

Perguntas para organizações:

1. De que maneiras os ataques acontecem?
2. Quem são ou o que são as origens dos ataques aos jornalistas?
3. Como são realizados? Quais plataformas utilizadas?
4. Quais são os tipos de ataques? Qual o teor das retaliações?

5. São diferentes para homens e mulheres? Jornalistas negros e brancos?
6. Quais as consequências desses ataques?
7. Esses ataques colocam em xeque a liberdade de expressão?
8. Por que os jornalistas estão sendo atacados?
9. Em ataque ao grupo Globo e ao jornal Folha de S. Paulo, Bolsonaro diz em uma live no Facebook “A imprensa é responsável pelo pânico no país e pela perda de vidas durante a pandemia, uma vergonha nacional.”. O que ataques como esse podem gerar para a democracia? Quais são os efeitos na democracia desses ataques?
10. Por que os ataques estão chegando a níveis recordes nesses últimos anos?
11. Há censura no Brasil? Se sim, cite exemplos.
12. Quais são as formas de combate desses ataques?
13. Como os veículos de imprensa podem ajudar nesse combate?
14. Como a sociedade civil pode ajudar na proteção da liberdade de imprensa?
15. O que vem sendo feito para combater esses ataques?
16. Como os jornalistas estão lidando com as retaliações?
17. O que os órgãos de proteção à liberdade de imprensa estão fazendo?
18. Quais são as leis que protegem a liberdade de imprensa
19. Quem recorrer em caso de ataques?
20. Como enxergam o futuro do jornalismo no país? Os ataques à imprensa vão acabar?

Perguntas para Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos:

1. Qual é a importância da imprensa em uma sociedade democrática?
2. Como o MMFDH se posiciona em relação aos ataques que ocorrem contra liberdade de imprensa, contra os jornalistas?
3. Na avaliação do MMFDH, por que os jornalistas estão sendo atacados?
4. Em ataque ao grupo Globo e ao jornal Folha de S. Paulo, Bolsonaro diz em uma live no Facebook “A imprensa é responsável pelo pânico no país e pela perda de vidas durante a pandemia, uma vergonha nacional.”. O que ataques como esse, realizados pelo presidente, podem gerar para a democracia?
5. É possível dizer que há censura no Brasil? Por quê?
6. Qual é o teor das denúncias recebidas pelo ministério na Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos sobre o acesso à informação? Houve aumento desse tipo de denúncia se comparada ao ano de 2019 ou 2018?

ANEXO C - Roteiro final do radiodocumentário

Respeite o meu lide

OFF: O presidente Jair Bolsonaro, eleito com 57.797.847 votos nas Eleições Gerais de 2018 sempre atacou a imprensa.

Neste radiodocumentário, o Respeite o meu lide, não será diferente.

TRILHA SONORA

SONORA PRESIDENTE JAIR BOLSONARO: Vontade de encher sua boca na porrada, seu safado. Tem que entrar de novo na faculdade e fazer um jornalismo que preste. Ela queria dar o furo. Cala a boca não te perguntei nada.

OFF: Em quase quatro anos de governo, o presidente Jair Bolsonaro fez ameaças e ataques aos profissionais de imprensa no Brasil de forma recorrente. Em 2019, o presidente atacou 121 vezes a imprensa e os jornalistas brasileiros. Em 2020, foram 175 ameaças de Bolsonaro. Em 2021, 147 casos.

SONORA BOLSONARO (1): se eu dependesse de grande parte dessa mídia aqui eu tava enterrado há muito tempo, o Brasil estava enterrado há muito tempo.

OFF: Descredibilização e ataques verbais são as principais formas de ameaças utilizadas por Jair Bolsonaro, segundo o relatório “Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil” da Federação Nacional dos Jornalistas de 2021.

SONORA MARIA JOSÉ BRAGA(10): O presidente Jair Bolsonaro foi sozinho responsável por grande parte desses ataques. Além de ser o responsável direto por muitos ataques, o presidente incentiva seus seguidores a também agredirem jornalistas e incentiva seus seguidores na prática de descredibilização dos veículos de comunicação.

OFF: Esta é Maria José Braga, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, a Fenaj. Ela aponta que as ameaças contra profissionais da imprensa partem em grande maioria de Jair Bolsonaro, mas também de seus apoiadores. É um período de aumento crescente da violência contra jornalistas, como destaca o professor Renato Franceschini, da Universidade Federal da Bahia e que pesquisa sobre liberdade de imprensa.

SONORA PROF. RENATO FRANCESCHINI: nós temos ainda o governo que tem claro um viés autoritário, que sempre que pode, elogia a ditadura militar, que ainda faz esse esforço deliberado para intimidar e censurar a imprensa, eu acho que nós estamos talvez no quadro mais grave da nossa história recente.

OFF: Ao todo, nos últimos três anos, foram 1.066 ataques contra jornalistas brasileiros. Seis foram silenciados para sempre, são eles: Robson Giorno, Romário da Silva Barros assassinados em 2019, Léo Veras e Edney Antunes assassinados em 2020, Eranildo Ribeiro da Cruz e Weverton Rabelo Fróes, assassinados em 2021.

SONORA MARIA JOSÉ BRAGA: Esse aumento preocupante da violência contra jornalistas e de ataques a veículos de comunicação está associado à crise política institucional pela qual passa o Brasil. A nossa democracia está fragilizada, as instituições democráticas não estão funcionando como deveriam estar. [...] Assim há uma prática do Executivo Federal de

apologia da violência, de apologia das agressões aos profissionais jornalistas e aos veículos de comunicação como forma de descredibilização da informação jornalística e de propagação de informações não verdadeiras, prática comum do presidente da República e de seus apoiadores.

SONORA MANIFESTANTES (9): Mentirosos, lixo, globo lixo, mentirosos, mentem pro povo, vagabundos, lixo.

OFF (com áudio dos manifestantes ao fundo): Xingamentos, gritos e ameaças aos jornalistas ecoam no ar. Este áudio é de um ato de apoio ao presidente Bolsonaro no Rio de Janeiro em 23 de maio de 2021 onde uma equipe da CNN foi alvo de hostilização. Empurrões, murros e chutes em direção aos profissionais de imprensa também se tornaram recorrentes em muitas manifestações pró-governo.

SONORA MANIFESTANTES (9): Mentirosos, lixo, globo lixo, mentirosos, mentem pro povo, vagabundos, lixo.

OFF: Estes são gritos regados de tentativas de descredibilização da imprensa, de informações falsas e de negacionismo. Rogério Christofolletti, professor e pesquisador do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, traz uma reflexão sobre os tempos de enxurradas de informação, mas também de desinformação, os quais estamos vivenciando.

SONORA PROF. ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI: Eu penso que estamos vivendo, não só a sociedade brasileira, mas a sociedade planetária, um momento muito grave de desinformação, o que é um paradoxo. Nós nunca, como humanidade, tivemos tantas condições de nos manter bem informados, mas há um paradoxo, ao mesmo tempo, temos muita desinformação, provocada sem querer por erros, mas muitas vezes com propósito de propaganda política, ideológica, mercadológica, controle social, instabilidade política, ultra polarização. Ambientes ultra polarizados como os nossos tendem a ser ambientes de muita disputa narrativa, o que significa que muitas vezes e agora com redes sociais, a gente tem a possibilidade de estar intolerante de conversar com os outros e se encerrar na nossa própria bolha, na própria câmara de eco. Isso faz com que a gente fale apenas com quem a gente tem afinidade, e que tenhamos um descolamento da realidade que é mais complexa, mais contraditória. Tudo isso ajuda a fazer desinformação.

SONORA BOLSONARO (12): Agora, um trabalho porco, mais um trabalho porco, que a mídia toda repercutiu isso daí, em cima da Vera Magalhães, que eu nunca vi, uns 2 anos pra cá que o pessoal fala sobre ela pra mim, tem na Rádio Jovem Pan, nunca vi, nunca ninguém me falou que ela falou uma palavra positiva sobre a minha pessoa, sobre nosso governo, nada, é só pancada o tempo todo.

SONORA PROF. DANIEL OLIVEIRA: a origem do totalitarismo e do autoritarismo está em suprimir a pluralidade de fontes e de vozes, seja no jornalismo, na política, em qualquer

ambiente de debate público. O debate livre e democrático ele deve comportar uma perspectiva plural sempre.

OFF: Em um ano eleitoral, como o ano de 2022, o debate livre e democrático como destacado pelo professor de pós-graduação em Jornalismo Digital do Centro Universitário IESB, Daniel Oliveira, deve prevalecer.

SONORA PROF. DANIEL OLIVEIRA: quando você coloca um ponto de vista só, você está sendo autoritário, segundo vários teóricos e inclusive, é considerado por alguns até como um ato de violência, oferecer só um ponto de vista de um determinado fato, porque nenhum fato repousa num único ponto de vista.

OFF: e em 2022 o papel da imprensa, como é também na pandemia da covid-19, ganha ainda mais destaque. Além de mostrar a agenda de temas eleitorais e promover o debate de ideias, a fiscalização dos poderes se torna essencial.

SONORA BOLSONARO (3): Só sabe fazer maldade usando caneta com maldade a grande parte.

SONORA PROF. ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI: Temos diversos poderes na sociedade. E nas sociedades democráticas não existe poder absoluto. Todo poder precisa ser fiscalizado. A imprensa, o jornalismo é um instrumento da sociedade que ajuda a fiscalizar esses poderes.

OFF: E pra completar:

SONORA PROF. FERNANDO PAULINO: É essencial que a imprensa continue exercendo o seu papel, essencialmente, na fiscalização dos poderes, e com isso, no aperfeiçoamento da democracia. Dessa maneira simbolizando a defesa dos direitos humanos, da transparência, da responsabilidade social e da possibilidade não apenas das pessoas votarem, mas também participarem dos governos e do exercício das entidades e atividades que produzam efeitos na vida em sociedade.

OFF: Esta voz é do professor Fernando Paulino, da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Brasília. E como os três professores disseram, a fiscalização dos poderes é uma das principais funções do jornalismo e isso pode incomodar alguns governantes que partem para a agressividade e deixam o diálogo saudável de lado.

SONORA BOLSONARO (4): Vocês são uma porcaria de imprensa. Vocês são uns cara cala a boca, vocês são canalha, você é tão juntado jornalismo canalha vocês fazem canalha que não ajuda em nada. Vocês não ajudam em nada.

OFF: A conta é ainda mais pesada para mulheres jornalistas que sofrem ofensivas com viés sexista e misógino por parte do presidente, predominante em quase todos os casos de agressão contra mulheres.

SONORA BOLSONARO (3): Ela queria ela queria um furo ela queria dar um furo também.

SONORA BOLSONARO (10): é uma quadrúpede, não precisa dizer de quem ela foi eleitora no ano passado, do mesmo gênero.

SONORA BOLSONARO (5): Te dou outra. Você é uma idiota, uma ignorante. Vagabunda. Chora agora.

SONORA PROF. CLÁUDIA NONATO: A gente tem ataques políticos e ideológicos por motivos religiosos, por preconceito racial, os mais diversos e as retaliações também de ter uma gama muito ampla. Isso depende essencialmente do tipo de reportagem que foi feita. Mas essas ações sempre falam mais para as mulheres já, seja violência seja verbal ou física é sempre maior e mais ainda entre mulheres negras. A gente tem ainda poucos jornalistas negros e negras com visibilidade nos grandes veículos de comunicação brasileiros e os poucos que existem são constantemente atacados e atacados como a Maju Coutinho por exemplo. As mulheres brancas também são, mas as mulheres negras, elas estão no último lugar da pirâmide e quando se fala em preconceito e ofensas elas estão sempre em primeiro lugar, seguida pelos homens negros e pelas mulheres brancas.

OFF: Esta é Cláudia Nonato, pesquisadora do centro de pesquisa em comunicação e trabalho da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Sobre o que Nonato falou, Laura Machado vivenciou. A jornalista de 24 anos, moradora de Macapá, capital do estado do Amapá, foi atacada cinco vezes de diferentes formas no mês de novembro de 2020, durante o apagão de energia e esgotamento de água que atingiram em cheio o estado do Amapá, incluindo a capital Macapá e cidades do interior.

SONORA LAURA MACHADO: Justamente por eu estar no início de carreira, as pessoas acham que eu por ser nova, por eu ser mulher também, eu não sou profissional, eu faço as coisas por impulso. Por eu ser menos experiente, eu sou incompetente, entende-se que eu esteja fazendo um trabalho ruim ou que eu não esteja fazendo um trabalho e a todo momento, a minha credibilidade é colocada a prova.

OFF: O primeiro ataque ocorreu em uma cidade do interior do Amapá, onde Laura e mais quatro amigos foram cobrir quais eram os impactos do apagão e da falta de água nas regiões distantes de Macapá. Ao chegarem em um município do interior do estado, nenhum morador concedeu entrevista para o grupo que fazia uma cobertura independente, sem vínculo a nenhum grande veículo. Ao entrarem na sede da companhia de eletricidade do estado, um suposto funcionário ameaçou o grupo de jornalistas perguntando em tom elevado o motivo de estarem ali e quem eram. Os outros quatro ataques, ainda no mês de novembro de 2020, ocorreram após Laura decidir conferir a veracidade de uma informação postada no perfil do Twitter da prefeitura de Macapá. Houve três tentativas de invasão das suas redes sociais, duas foram no instagram e uma no twitter e houve uma intimidação da assessoria da prefeitura por telefone. Escute o relato de Laura:

SONORA LAURA MACHADO: A tentativa foi logo após eu fazer um comentário relacionado a uma obra da prefeitura que estava inacabada e em uma das principais vias da cidade. A prefeitura falou que estava fluindo normalmente e nada estava alagado. Fui na rua depois de ver esse tweet, não tinha equipe da prefeitura lá, não tinha desobstrução nenhuma e foi sobre isso que eu falei. No dia seguinte recebi uma ligação de uma assessora da prefeitura, me convidando, quase que intimando para ir até o local, pois a desobstrução estava sendo feita. Até hoje ela não fala comigo, me trata mal, é uma mulher de 40 anos.

SONORA PROF. ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI: Tem havido uma onda de ódio contra o jornalismo. É uma reação de certos setores da sociedade contra os jornalistas, uma reação violenta. Isso vem acontecendo, porque as sociedades estão extremamente polarizadas e porque há sim lideranças políticas, empresariais que instigam o ódio aos jornalistas. No caso do Brasil temos o presidente da república, o clã, os filhos políticos, que não só desde o primeiro momento que o presidente tomou posse houve um destratamento dos jornalistas que cobriram a posse. De lá pra cá ele elegeu a imprensa e o jornalismo como inimigos e ele vem atacando de maneira reiterada principalmente as repórteres mulheres e instiga seus seguidores a fazer o mesmo. Ele desautoriza a imprensa, ele é uma autoridade e dá um mau exemplo. Do ponto de vista político. Já do ponto de vista empresarial também temos. Empresários como Luciano Hang que faz o mesmo serviço, motivado pelos interesses econômicos, e não a bem do país, ele instiga ódio à imprensa, descredibiliza a imprensa, usa o poder econômico que ele tem para instigar jornalistas. O aumento que estamos verificando é graças a um ambiente hostil à imprensa que é catalisado, aumentado, hipertrofiado graças a essas lideranças.

OFF: E atacada por Luciano Hang, dono da rede varejista Havan, a jornalista Rafaela Rosa, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, conta como foi o episódio, que ocorreu em janeiro de 2021. Ela foi humilhada durante uma manifestação convocada pelo empresário contra medidas de restrição do funcionamento do comércio por causa da pandemia da covid-19. Na época, ela era estagiária do jornal local Diário Popular. Ao ser questionado por promover aglomeração durante o ato, Luciano Hang

SONORA RAFAELA ROSA: virou as costas e saiu. Pegou o microfone e respondeu minha pergunta no microfone para todo mundo. Aí ele disse, ah olha aqui a jornalista perguntando se não sou irresponsável de estar aqui aglomerando com vocês. Aí todo mundo começou a vaiar. Depois desse episódio, encontrei meu colega e saímos caminhando. Quando eu saio caminhando, um apoiador me puxa pelo braço e me chama de militantezinha do DP que é Diário Popular. Aí eu sou muito brava e eu virei para ele com o dedo na cara dele assim e aí eu disse para o senhor “me respeita tô aqui trabalhando e o senhor me respeita. Eu exijo ser respeitada, eu sou jornalista, eu saí da minha casa para trabalhar e eu não admito que o senhor me segure e me fale esse tipo de coisa”.

OFF: Rafaela, teve seu trabalho descredibilizado por Luciano Hang por ser mulher. Esse tipo de ataque se configura como violência de gênero, que é somada às ameaças contra mulheres jornalistas. Segundo levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

(Abraji), em 2021, foram 119 casos desse tipo de violência no Brasil e 52% dos casos com agressores identificados foram provocados por autoridades do Estado. São ataques contra os jornalistas vindos do governo, de empresários e da população. Natalie Southwick, coordenadora do Programa América Latina e Caribe do Comitê para Proteção dos Jornalistas, o CPJ, destaca que esse movimento de cerceamento da liberdade de imprensa não é exclusivo do Brasil.

SONORA NATALIE: não é algo específico de nenhum país, mas na verdade, é sobre aqueles que estão no poder se sentindo ameaçados pelos jornalistas e pela verdade eles se sentem ameaçados pelo que uma boa reportagem investigativa representa, porque eles vêem isso como uma ameaça para eles e que deveria ser um sinal de alerta para qualquer pessoa, se você tiver bons líderes comprometidos com a transparência, eles não devem ser ameaçados por uma imprensa independente.

SONORO BOLSONARO (11): Primeiro, vocês da Folha têm que entrar de novo numa faculdade que presta e fazer um bom jornalismo. Esse é da Folha e tem que fazer e não contratar qualquer uma qualquer um para ser jornalista para ficar acendendo a discórdia e ouvindo mesmo perguntando besteira por aí e publicando coisas nojentas.

SONORA BOLSONARO (8): O que parte da grande mídia fez? Descer o cacete de mim hoje.

OFF: Procurada pela reportagem, a Secretaria de Comunicação da Presidência da República não respondeu aos e-mails para solicitação de entrevista até o fechamento deste radiodocumentário. O único email enviado em resposta foi que a demanda foi recebida pela pasta. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos se manifestou contrário a qualquer tipo de violação de liberdade de expressão, no entanto, não respondeu às questões sobre os diversos ataques do presidente e de seus apoiadores à imprensa.

SONORA BOLSONARO (7): Vontade de encher tua boca na porrada. Seu safado.

SONORA MINISTÉRIO DA MULHER: é papel do nosso Ministério promover sair direitos e liberdades e combater quaisquer violações que possam ocorrer seja por decisões judiciais por decisões proferidas por empresas privadas ou por qualquer agente de Estado qualquer ataque que limite ou restrinja previamente a liberdade de expressão está em Total desacordo com o texto constitucional então assim em cumprimento do seu dever de combater a supressão das liberdades fundamentais e não se encontrem amparados por permissões constitucionais este ministério se manifesta contrário a violação do direito de liberdade de expressão de qualquer cidadão direito fundamental outorgado pela constituição federal e Que instrumento essencial para manutenção da justiça e do Estado democrático de direito.

OFF: o ministério ainda destacou que o disque 100 e o programa de proteção a Defensores de direitos humanos comunicadores e ambientalistas são serviços para colher denúncias e

fornecer a proteção aos comunicadores do Brasil. Destacou também a publicação de uma cartilha sobre o tema em 2020. Enquanto isso, os ataques contra jornalistas continuam.

SONORA BOLSONARO (6): O rapaz, pergunta para a sua mãe o comprovante que ela deu pro seu pai.

OFF: Em 2019, na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, Gabriel Veras, até então repórter do jornal Crítica, foi ameaçado a caminho do trabalho. Dentro de um ônibus, o jovem repórter foi abordado por um homem que vestia uma camiseta preta com o sobrenome do presidente da República estampado. O motorista precisou parar o transporte, pois o agressor estava gritando e ameaçando Gabriel. Escute o relato:

SONORA GABRIEL VERAS: ele levantou e começou a falar coisas mais agressivas do tipo ah porque vocês estão sabiá que eu estou manipulando as coisas vocês não ouvem a gente vocês só público que você quer Sabe a que eu estou manipulando as coisas vocês não ouvem a gente vocês só público que vocês querem Cadê a verdade quando eu falo as coisas que eu falava olhando para mim com raiva contando o dedo para mim e eu parado sem saber como reagir sem saber o que fazer eu tava sem entender exatamente o que tá acontecendo porque era um trajeto tão rápido e eu estava tão relaxado né Sem tá ligado esse lado do jornalista lá não vou trabalhar tava tranquilo e ele começou a falar essas coisas eu te entender direito e aí começou a realmente levantar a voz chegava mais perto de mim falando umas coisas tipo porque vocês todos tinham que apanhar para aprender para ver o que que é a vontade do povo e aí chegando e bem enfurecido e as pessoas perceberam que tava acontecendo dentro do ônibus né o ônibus parou e o motorista falou que palhaçada é essa do meu ônibus que tá acontecendo E aí as pessoas começaram a intervir nos separar ele e aí eu entender o que fazer desse do ônibus porque eu falei errado eu não vou ficar aqui discutindo não sei o que tá acontecendo ele faz o que ele quer da vida dele eu vou trabalhar já tava a 12 pontos de chegar no trabalho e terminei o trajeto andando

OFF: Depois do episódio, o jornalista adotou dois novos hábitos diários: esconder seu crachá quando vai ao trabalho ou à alguma cobertura e nunca mais pegar a linha de ônibus 547, onde foi atacado. Na era dos crachás escondidos, a violência contra o profissional da imprensa se tornou algo do dia a dia, algo comum entre os profissionais, que muitos, nem se abalam mais. Como destaca Gabriel:

SONORA GABRIEL VERAS: você quer conversar sobre isso você quer ajuda profissional e Recebi uma dúvida aí conheci naquele momento mento foi uma normal a vida que segue 2. e eu fico muito marcado de Poxa sabe não tava comigo tava satisfeito com outra coisa porque vocês não presta atenção nisso enfim e eu fiquei bem confuso naquele momento de entender o que tava rolando exatamente de como caracterizar isso de como classificar esse episódio Esse ato violento e ficar sem entender isso aí foi muito importante para ele quando eu chegar no veículo de quando imaginei que seria outro jornalista as pessoas que iam entender né porque eu tava passando normal da profissão se acostuma aí vida que segue. Eu não

imaginava que isso poderia acontecer comigo e de imaginava que isso seria tão ignorado simplesmente colegas de trabalho

SONORA NATALIE: apoiadores de líderes como Bolsonaro e algumas pessoas vão ver algum desses comentários e dirão: “Não é tão ruim assim” ou “Você deveria ser capaz de ignorar”. E se fosse um incidente isolado, se fosse um comentário rude, claro que não é o fim do mundo, isso não tornará isso impossível para a realização do trabalho. Mas quando é tão consistente e quando é claramente projetado para enviar esta mensagem aos outros, de que está tudo bem em copiar. É daí que falamos sobre como pode ser tão perigoso. Todo o propósito desta retórica não é apenas um insulto que ele expõe durante uma entrevista coletiva.

OFF: Muitos acabam não denunciando os ataques sofridos. Dentre os três jornalistas entrevistados, somente Gabriel Veras registrou um boletim de ocorrência. Se os números do relatório da Fenaj já são preocupantes, eles podem impressionar ainda mais, se for levado em conta os casos não notificados de agressões aos profissionais da imprensa.

SONORA GABRIEL VERAS: em 2020 eu acho que a pandemia ela centralizou muito papel do jornalista né, você tava em casa e as recebemos notícias pelo jornalismo então a gente acaba virando os porta-vozes de tudo que tava acontecendo nesse mundo externo. Aqui no Amazonas a gente teve múltiplas crises: teve uma crise política gigantesca que levou a crises humanitárias pessoas morrendo por falta de oxigênio. Então nesse tempo, por exemplo, da crise de oxigênio que durou um mês seis semanas mais ou menos eu acho que eu vou ficar sabendo de uns dez casos de ataques a jornalistas nesse período porque as pessoas estavam revoltados e as pessoas não entendiam e já estão lá e perguntava as pessoas estão alisavam isso tudo e talvez por isso que tá perguntando mexendo nessa ferida de alguma forma ou de outra é isso trazer à tona. Ataques de pessoas que realmente tem uma ideologia que vai contra Imprensa Livre que vai contra essas investigações vai contra o trabalho de jornalismo então aquele que aumentaram também os dois mas a gente tem que ter parar porque realmente tem muita gente que ataca Imprensa porque ideologicamente não concorda com nosso trabalho é antidemocrático e questiona tudo que a gente faz.

OFF: falta de acolhimento de outros profissionais e das empresas, de dicas sobre como se proteger durante ataques, falta de direcionamentos para denunciar as agressões e a efetividade de alguma ação judicial são as principais dúvidas dos três entrevistados e de muitos outros jornalistas, que ao sofrerem algum ataque diminuem as expectativas com relação à profissão e ganham mais e mais frustração.

SONORA BOLSONARO (2): Cê não tem o que perguntar, não? Deixa de ser idiota!

SONORA BOLSONARO (3): Você tem uma cara de homossexual terrível, mas nem nem por isso eu te acuso de homossexual

OFF: Ataques verbais e descrédibilização da imprensa, como os relatados neste radiodocumentário, são recorrentes no cotidiano dos jornalistas, ainda mais para os que fazem a cobertura política do Planalto. No entanto, não são a única forma de ataque à liberdade de imprensa, como ressalta a professora Cláudia Nonato.

SONORA PROF CLÁUDIA NONATO: Há agressões, ataques, restrições de acesso à informação, processos judiciais, uso abusivo do poder estatal e restrições na internet além dos discursos estigmatizantes né que é quando o presidente as autoridades públicas descrédibilização a imprensa publicamente são os indicadores mais comuns nos ataques a imprensa no Brasil

OFF: Em 2021 houve o crescimento nos casos de censura (140 episódios registrados em 2021, contra 85, em 2020), de atentados (4 casos em 2021, contra um caso no ano anterior) e de violência contra a organização dos trabalhadores (oito episódios em 2021, contra seis, em 2020), de acordo com o relatório da Fenaj. Em relação à censura, que é o tipo de ataque contra a liberdade de imprensa com maior número de registros em 2021, Rogério Christofolletti, professor e pesquisador do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, se diz preocupado.

SONORA PROF. ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI: Com relação a censura, no Brasil, temos diversas formas de censura, embora estejamos vivendo uma constituição da época da democracia de 88, que veta a censura, nós temos cada vez mais um tipo de perseguição principalmente judicial aos jornalistas. Sim, estamos vivendo sim momentos de censura no país. A censura econômica também acontece quando o anunciante pressiona o meio de comunicação a não fazer que venha colidir com seus interesses, mas o que mais me preocupa hoje é quando você tem um braço de estado que é a justiça utilizando isso.

SONORA BOLSONARO (3): Vera Magalhães de forma mentirosa sem qualquer compromisso com a verdade tá divulgando que eu faria o movimento dia 31 de março na frente dos quartéis. Fake news. Esse tipo de profissional não merece respeito por parte de nós aqui no Brasil lamento a jornalista Vera Magalhães, está divulgando um fake news.

OFF: E quando mais longe dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, maiores proporções os ataques contra jornalistas vem tomando. André Marsiglia Santos, advogado constitucionalista, especialista em Liberdade de Expressão e de Imprensa alerta para a desproteção aos jornalistas em locais fora dos grandes polos de notícias.

SONORA ANDRÉ MARSIGLIA SANTOS: é ter uma preocupação que vá para além da Faria Lima e da Paulista em relação a isso porque a Faria Lima e Paulista tão bem cuidadas Tem censura? Tem censura, mas tem também que enfrente a censura.

SONORA CID BENJAMIN: As condições de trabalho são diferentes em grandes centros no Rio, São Paulo, Brasília e no interior no interior do país, por exemplo, há mais casos de jornalistas mortos.

OFF: Esta voz que você escutou é de Cid Benjamin, que foi líder estudantil em 1968, em um dos anos mais violentos da ditadura militar e chegou a participar da resistência armada. Foi preso e exilado e voltou ao Brasil após 10 anos para exercer a profissão de jornalista. Hoje, ele é presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

SONORA CID BENJAMIN: Blogs e jornais de cidade que não são tão distante e tão pequenas mas quando matérias desagradam o vereador e, hoje em dia tem muitos vereadores e deputados que são policiais, então nem todos, mas alguns têm uma visão muito autoritária de como resolver esse tipo de conflito. Se ele é criticado, se o PM e Vereador está sendo criticado, o cara ameaça agressão física. Há casos que não chegam nos grandes centros esse tipo de ameaça e há casos em que jornalistas são mortos. A política política ali é mais selvagem em alguns lugares do interior.

SONORA NATALIE: porque muitas vezes o que acontecia principalmente nos casos em que jornalistas de mercados menores e cidades menores que não moram em São Paulo e que não têm vocês conhecem o apoio de uma grande organização, o prefeito local ou um empresário local que está zangado por estarem falando sobre corrupção pode achar que não há problema em ameaçá-los porque ninguém está prestando atenção e, portanto, parte do nosso papel como organização internacional é iluminar isso e dizer que realmente estamos pagando atenção a segurança dessa pessoa e a segurança de seu trabalho sua capacidade de continuar fazendo seu trabalho é importante para nós e deve ser importante para todos nós.

OFF: ONGs e associações de proteção à liberdade de imprensa são mecanismos utilizados por jornalistas para denunciarem diferentes agressões. Elas colocam os holofotes sobre as ameaças e mostram o que está acontecendo como foi explicado por Natalie. Neste radiodocumentário, além da Fenaj, da ABI, e do Comitê para a Proteção dos Jornalistas já mencionados anteriormente, representantes do Instituto Palavra Aberta e da Associação Nacional de Jornais foram entrevistados. Cada representante deu uma dica essencial para a defesa do jornalismo. Patrícia Blanco, presidente do Instituto Palavra Aberta destaca que a educação midiática e a valorização da atividade profissional jornalística podem ser as soluções para o fim aos ataques contra os profissionais.

SONORA PATRÍCIA BLANCO: a principal defesa do exercício do jornalismo é a defesa da imprensa. Fazer com que o cidadão entenda qual é o papel da Imprensa, qual é o papel dos veículos de comunicação, qual é o papel do jornalista para que ao conhecer ao entender esse papel possa valorizar E aí não atacar. Entender e respeitar o funcionamento e o trabalho desse profissional que é tão importante. A educação midiática é nós entendemos que a educação didática que é ensinar a leitura crítica da da informação, a participação ativa na sociedade e a produção de conteúdos e com isso é uma participação ética e cidadania na sociedade.

OFF: O diretor executivo da Associação Nacional de Jornais, Ricardo Pedreira, completa que a educação midiática pode partir dos próprios veículos de comunicação.

SONORA RICARDO PEDREIRA: Conscientizando a população com matérias e denúncias sobre esse tipo de ataque. É muito importante que a população em geral, que o cidadão comum esteja bem consciente do valor da liberdade de imprensa para o seu próprio dia a dia. Dessa forma a própria sociedade vai ajudar no combate à liberdade de imprensa é um lugar-comum dizer que a gente só se dá conta da importância da liberdade de imprensa quando ela nos falta, é assim como o ar que a gente respira.

OFF: a recomendação após algum ataque ou ameaça é que os jornalistas recorram aos empregadores, depois aos sindicatos e denunciem à polícia local. É preciso formalizar a violência ou violação de direitos. Ainda é possível buscar reparação por meio judicial também, com ações de indenização.

SONORA RICARDO PEDREIRA: A Constituição Brasileira define muito claramente a liberdade de imprensa, a liberdade da atividade jornalística, mas para que isso aconteça, o principal caminho com certeza é o combate à impunidade. O que não pode ocorrer, como infelizmente vem ocorrendo no Brasil, é que tantos ataques tantos crimes contra jornalistas fiquem impunes, que os casos não sejam apurados, que a polícia não tome as providências, que os processos não corram na justiça e os culpados sejam condenados. Então basicamente o combate à impunidade no caso desses ataques é a medida mais eficiente.

SONORA BOLSONARO (3): Vontade de encher tua boca na porrada.

SONORA MARIA JOSÉ BRAGA: A forma mais eficaz de se combater a violência contra jornalistas é combatendo a impunidade.

OFF: Só assim para que a imprensa possa desempenhar de forma segura e livre sua principal função: a de informar.

SONORA BOLSONARO (1): Manchete, canalha mentirosa. E vocês da mídia grande parte tenham vergonha na cara, a grande parte só publica patifaria e passe bem.

TRILHA SONORA

Este radiodocumentário é em homenagem aos jornalistas Robson Giorno, Romário da Silva Barros, assassinados em 2019, Léo Veras e Edney Antunes, assassinados em 2020, Eranildo Ribeiro da Cruz e a Weverton Rabelo Fróes, assassinados em 2021, e a todos os outros que tiveram suas vozes cerceadas para sempre. Também são homenageados aqui jornalistas vítimas de agressão verbal, física e ameaças e os jornalistas vítimas fatais da covid-19, que atuaram na linha de frente da notícia. Seguimos na esperança de tempos melhores.

O Respeite meu Lide é o Produto de Comunicação para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Com orientação do professor Carlos Henrique Novis, com roteiro, pré-produção, produção e edição de Fernanda Vieira Bastos e dublagem de Amanda de Castro Rodrigues.